

Brasil terá apoio americano para renegociar dívida

O Brasil, em outubro deste ano, ao negociar o financiamento da dívida externa de 1985 junto aos seus credores, deverá conseguir condições melhores do que as obtidas nos planos para 1983 e para 1984, como a capitalização total ou parcial dos juros e até mesmo uma negociação mais ampla, plurianual.

Segundo informou ontem o Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Asencio, o próprio Tesouro norte-americano, que até então era o único ponto de resistência no sistema financeiro internacional a novas fórmulas de negociação, já está aceitando novas propostas para o reescalonamento das dívidas externas dos países do Terceiro Mundo e vem estudando o assunto, com cuidado.

O Embaixador dos EUA admitiu que a análise pelos técnicos do Tesouro norte-americano de soluções mais eficazes para o problema do pagamento das dívidas externas, sobretudo do Brasil e do México — países que vêm realizando grandes esforços de ajuste de suas economias e balanços de pagamentos — deverá auxiliar o Governo brasileiro, já em outubro deste ano, a obter melhores condições de financiamento. Para isso, será importante, também, frisou, a boa vontade dos bancos credores.

A reunião em Filadélfia

Ao ser indagado ontem, durante almoço realizado no Hotel Glória, em sua homenagem, promovido pelo Conselho Interamericano de Comércio e Produção, por que o Tesouro norte-americano ainda resistia a novas propostas de negociação das dívidas dos países latino-americanos, quando o Federal Reserve e o Fundo Monetário Internacional já se mostravam mais abertos ao problema, Diego Asencio respondeu:

— Não é verdade que o Tesouro americano também não esteja aberto, hoje, a esse novo enfoque — **approach** — para o problema das dívidas dos países latino-americanos. Após a reunião da Filadélfia, no início de junho, em que o diretor gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, defendeu novas formas de negociação para o Brasil e para o México, o Tesouro americano passou a estudar novas propostas, como a capitalização dos juros, para ter condições de colocá-las em prática. A reunião da Filadélfia, aliás, do meu ponto-de-vista, é um verdadeiro marco na questão do reescalonamento das dívidas externas dos países latino-americanos.

Diante desse novo quadro, o Fed — Banco Central Americano —, o FMI, o Banco Internacional de Pagamentos (BIS), e o Tesouro americano estão aceitando novas condições de pagamento.

O Embaixador dos Estados Unidos não considera, no entanto, que um plano de financiamento da dívida externa do Brasil, com o prazo de 20 anos e juros capitalizados automaticamente, seja a solução para a questão do pagamento da dívida do país, nos próximos anos.

— É apenas um desafogo, importante, porque permitirá que o Brasil tenha condições de crescer, novamente. Mas uma solução de mais longo prazo vai depender de um trabalho conjunto dos países devedores, em desenvolvimento, e dos países industrializados, credores, em que todos participem levando em consideração as dificuldades atuais da economia mundial.

Ainda a respeito da capitalização dos juros, apesar de ser pessoalmente a favor da proposta, o Embaixador disse ser uma questão difícil, que levará algum tempo para ser aceita e colocada em prática, não só por causa da legislação bancária americana, que impede o não pagamento dos juros, mas também porque envolve várias instituições monetárias. Além do Federal Reserve e do Tesouro americano, Asencio citou o Controller of Currency, instituição norte-americana que controla e emissão da moeda nos Estados Unidos.

Mesmo assim, ele acha que até outubro alguma saída deverá ter sido encontrada para o pagamento do serviço das dívidas externas dos países devedores pelas instituições internacionais e autoridades monetárias norte-americanas e comentou que o Ministro Ernane Galvêas está ciente disso.

Queda dos juros, só após a eleição

O Embaixador dos Estados Unidos comentou ainda, brincando, que quase não compareceu ontem ao Hotel Glória quando leu nos jornais que a taxa preferencial dos Estados Unidos — **prime-rate** — havia subido 0,5%, para não ser atacado pela imprensa e pelos empresários brasileiros. Disse que ia se desculpar, alegando ter pego uma forte gripe.

A questão de elevação dos juros, segundo ele, tem sido vista sob um prisma errado, porque o Tesouro americano não pode ser responsabilizado pela alta da **prime**. São outros os fatores responsáveis, como a recuperação americana. Além do mais, destacou, é muito difícil controlar o déficit público americano, em período pré-eleitoral. Após as eleições, porém, ele crê que os juros internacionais cairão com ou sem controle do déficit fiscal norte-americano, que está em 240 bilhões de dólares.

— Seja Reagan o vencedor ou outro candidato, depois das eleições haverá queda dos juros.